

## **Os sentimentos de um analista em formação: aspectos contratransferenciais em um caso de psicose infantil**

AUTOR: Eduardo Fraga de Almeida Prado

No biênio de 2011-2012, tive sob meus cuidados um menino de 10 anos diagnosticado como psicótico. Durante o período citado, realizamos um processo psicoterápico, de orientação analítica, com frequência de duas sessões semanais. As sessões, de forma geral, foram atravessadas por longos silêncios e inúmeras vezes ele dormiu. Assim, fui trespassado por verdadeiras 'avalanches' emocionais. Sentimentos de inutilidade, incompetência e apropriação indevida de minhas remunerações entravam em confronto com momentos em que julguei contribuir para o desenvolvimento emocional do garoto. Tudo isso suscitou em mim o desejo de estudar o tema de minha monografia: os sentimentos contratransferenciais de um analista em formação nos atendimentos de uma criança psicótica.

É notório que, em Psicanálise, os aspectos contratransferenciais podem ser compreendidos a partir de duas concepções distintas: ora serão considerados tributários de aspectos não analisados do próprio analista (posição defendida por Sigmund Freud e Melanie Klein) e, portanto, serão tomados como obstáculos na comunicação do par analista-analisando; ora serão considerados tentativas de comunicação do analisando e, por conseguinte, podem ser transmitidos a ele mesmo no decorrer das sessões (posição inaugurada e defendida por Paula Heimann). Partindo deste cenário, organizei a monografia em um primeiro capítulo de caráter eminentemente teórico, buscando percorrer as concepções que Sigmund Freud, Melanie Klein e Paula Heimann erigiram a respeito das reações contratransferenciais do analista. Já no segundo capítulo, de caráter eminentemente clínico, busco estabelecer ilações entre os diferentes entendimentos dos fenômenos contratransferenciais e suas repercussões na qualidade da comunicação entre o par analista-analisando. Neste capítulo, examino o material clínico presente

em quatro sessões, com o intuito de abarcar diferentes momentos do processo terapêutico com o menino de 10 anos. Finalmente, nas considerações finais, discuto o meu entendimento após o exame de minhas reações contratransferenciais, demonstrando que estas ora denotaram um obstáculo à compreensão do meu paciente, ora uma bússola empática a serviço do desenvolvimento do processo terapêutico.